

ARQUEOLOGIA EGÍPCIA



O **Arqueologia Egípcia** possui licença do autor para disponibilizar esse material na internet.

Mais artigos no site:
www.arqueologiaegipcia.com.br

FUNARI, P.P.A. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. In Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas. Andrés Zarankin e María Ximena Senatores (orgs), Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 2002, 107-116.

A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial

Pedro Paulo A. Funari¹

Neste artigo, minha releitura partirá de reflexões tecidas há algum tempo, em fóruns no exterior e no Brasil e que resultaram na organização do volume, co-editado com Martin Hall e Siân Jones, *Historical Archaeology, Back from the edge* (Londres, Routledge, 1999). Em parte, minhas considerações retomam questões discutidas no capítulo “Introduction: archaeology in history”, escrito tempo atrás, com Siân Jones e Martin Hall, mas incorpora, também, aspectos que tenho tratado em outras publicações, elencadas ao final deste *paper*. Por isso mesmo, não apresentarei referências bibliográficas, encontradas nos trabalhos publicados e referidos ao final. Minha releitura da disciplina parte, portanto, da experiência compartilhada não apenas com os dois colegas, como com uma plethora de estudiosos que se têm questionado sobre a Arqueologia Histórica.

A Arqueologia das sociedades com escrita tem uma grande tradição na disciplina, em particular no estudo das grandes civilizações fundadoras do “Ocidente”, como as Arqueologias Clássica, Bíblica, Egípcia e Médio Oriental. Contudo, o termo “Arqueologia Histórica” tem sido usado, em particular na América do Norte, para referir-se ao estudo de um período histórico específico, o moderno (*sensu anglico, i.e.* do século XV em diante, Deetz 1977), em geral nas Américas. O termo Arqueologia Histórica, com tal definição, não é usado na Europa e na Ásia, já que se entende por históricas diversas arqueologias, como a Clássica e a Egípcia, para mencionar apenas duas delas.

A Arqueologia Histórica como o estudo das sociedades com escrita incorpora, assim, tanto a disciplina homônima norte-americana, como as diversas disciplinas que lidam com sociedades com documentação escrita (Hawkes 1951). Tem-se buscado mostrar que ela não é uma simples *ancilla*, serva ou auxiliar da documentação escrita e da ciência da História, pois a cultura material pode não só complementar as informações textuais, como fornecer informações de outra forma não disponíveis e até mesmo confrontar-se às fontes escritas (Davies 1988:21; Small 1995:15; Kepacs 1997: 193). Nas últimas duas décadas, preocupados com a análise da sociedade, os arqueólogos históricos têm, cada vez mais, focalizado sua atenção nos mecanismos de dominação e resistência e, em particular, nas características materiais do capitalismo (Rowlands 1995; Deagan 1996; Little 1996).

A Arqueologia Histórica liga-se, de forma umbilical, às noções de identidade, tratando de sociedades, de uma forma ou de outra, relacionadas ao arqueólogo. Na Europa, a Arqueologia é encarada como o estudo de nossa própria civilização, sejam elas as grandes civilizações que formariam o legado ocidental, sejam as anteriores à escrita, mas ainda assim históricas, porque inseridas numa narrativa das fontes escritas, como é o caso, por exemplo, da Arqueologia dos celtas (ou de Hallstadt e La Tene). Nos Estados Unidos, a disjunção com a Pré-História estabelece, à sua maneira, essa ligação da Arqueologia Histórica com a sociedade

americana (Orser 1996b), às expensas dos indígenas, encarados como o “outro”, o selvagem contraposto à “civilização”, como ressaltou Thomas Patterson (1997).

As disjunções entre letrado/iletrado, mito/história, primitivo/civilizado têm sido, de forma crescente, criticadas (Little 1996: 42) por separarem elementos discursivos interligados, de forma a evitar, por exemplo, que sítios indígenas não sejam objeto da Arqueologia Histórica, mesmo se contemporâneos àqueles europeus. Outra dicotomia criticada tem sido aquela que divide o mundo moderno, dominado pelo capitalismo, dos períodos anteriores (Goody 1977; Ucko 1994; Andah 1995; Schmidt and Patterson 1995: 13-14). Em primeiro lugar, porque grande parte das estruturas mentais e materiais modernas derivam e mantêm, ainda que de forma alterada, características de outras épocas e civilizações. O capitalismo moderno fundase no feudalismo, até mesmo naquilo que tem de contrastivo, as estruturas sociais modernas construíram-se a partir de contextos medievais e antigos, tanto derivados do chamado ocidente, como do chamado oriente (Wolf 1982: 385; Asad 1987). Em segundo lugar, mesmo quando não haja ligações genéticas entre realidades modernas e as outras, a comparação entre situações pode fornecer elementos úteis para o conhecimento tanto da cultura material antiga, como moderna, tanto do Oriente, como do Ocidente, de qualquer maneira, criações discursivas, antes que realidades efetivamente separadas.

Neste contexto, tem se propugnado que a Arqueologia Histórica abranja seja o estudo do mundo moderno, seja de todas as sociedades com escrita. Seria o caso de manter uma Arqueologia Histórica específica e, neste caso, qual sua especificidade diante da Arqueologia pré-histórica (Lightfoot 1995; Colley e Bickford 1996)? Ainda que o contato com os estudos da cultura material de sociedades sem escrita seja importante, em termos do estudo da cultura material em seus aspectos mais amplos, parece-nos que se deve reconhecer as particularidades metodológicas do estudo de sociedades com escrita e com documentos, examinando os papéis históricos e singulares que a escrita possui na comunicação, representação e na própria construção discursiva da disciplina Arqueologia (Johnson 1992; Anderson 1990). A presença de documentos caracteriza e define as sociedades em que diferentes sistemas de escrita são utilizados.

Em seguida e talvez ainda mais importante, a História como narrativa escrita sobre o passado, a *Historie* dos alemães, o gênero literário histórico, assim como as decorrentes tendências historiográficas, acabam por fornecer os quadros discursivos sobre o passado e que conformam, de uma ou outra maneira, a própria definição do contexto histórico usado pelo arqueólogo no estudo das sociedades históricas. Conceitos como Arqueologia romana ou colonial assumem periodizações e definições derivadas da tradição historiográfica e só nesse contexto adquirem sentido (Webster 1997; Webster e Cooper 1996). A Arqueologia, contudo, pode transcender os quadros estritos da historiografia assentada nas fontes escritas (Burke 1995: 149), cujo viés de classe constitui sua própria essência e a cultura material pode tratar de temas simplesmente ausentes ou ignorados pela documentação, como no caso das grandes maiorias, da vida rural e do cotidiano. Os discursos verbal e artefactual entrecruzam-se, de diferentes modos, nas sociedades históricas e o desenvolvimento de técnicas para tratar de tais inter-relacionamentos permanece uma questão fundamental no seio da disciplina.

Entre as questões contemporâneas mais recorrentes na disciplina, devem mencionar-se os estudos sobre relações de poder (Miller *et alii* 1995), expressas na dominação e resistência (McGuire e Paynter 1991), na desigualdade (Bond e Gilliam 1994), em colonizadores e colonizados, dentre outros temas abordados na última década (Saitta 1992; 1994). O estudo da

cultura material histórica permite, assim, conhecer as tensões sociais e a variedade de situações sociais vivenciadas (Iggers 1984: 195; Chapman *et alii* 1989:19). De forma crescente, contata-se uma insatisfação com os modelos normativos de cultura, cujos pressupostos de homogeneidade social não parecem encontrar respaldo nem nos estudos da cultura material, nem na teoria social contemporânea. Neste contexto, o capitalismo mesmo não consegue uniformizar a cultura material e as mentes e conceitos derivados da noção de “aculturação” têm sido postos em dúvida, pela homogeneidade que está a implicar (Löwy 1992; cf. Bourdieu 1977). A europeização, primeiro, e a americanização, depois, do mundo, foram também chamadas de globalização, um conceito normativo e homogeneizador, e, por isso, passaram a ser vistas como apenas um lado da medalha, pois a diversidade social não se conforma a seus ditames. *A fortiori* passam a ser questionados os conceitos modernos, derivados do imperialismo, aplicado a sociedades do passado assimiladas discursivamente ao Ocidente, como no caso da “romanização” ou da “helenização” (Funari 1996: 83-6; cf. Friedman 1995).

De forma cada vez mais acentuada, portanto, tem-se estudado o próprio campo discursivo da disciplina e da formação de conceitos modernos que moldam, de maneira invisível, os discursos possíveis (Austin 1990; Couse 1990; Lightfoot 1995; Ober 1995). Multiplicam-se os estudos sobre a invenção de quadros interpretativos, com ênfase na História das Arqueologias, como procedimento heurístico indispensável para a crítica das práticas discursivas, no interior da disciplina (Shanks e Tilley 1992; Bourdieu 1997: 1-21; Jones 1997). Um exemplo merece ser citado, por paradigmático: a Arqueologia da Mesopotâmia, também conhecida como Assiriologia. O Oriente, surgido como invenção contraposta ao Ocidente, fundou uma Arqueologia em busca da “civilização”, passada como uma tocha para gregos, romanos e, ao final, para os modernos imperialistas. O caráter imperialista, militar mesmo, dessa Arqueologia imprimiu feições à disciplina que, para serem desconstruídos, exigem uma exegese da própria ciência. Da mesma forma e pelos mesmos motivos, todas as Arqueologias Históricas só adquirem pleno sentido a partir desse olhar histórico disciplinar (Meskell 1998).

No início, ressaltei que se tratava de colocar a Arqueologia Histórica em um contexto mundial e este é o último, essencial, aspecto a discutir. Por muito tempo, as tradições disciplinares levaram ao isolamento das Arqueologias Históricas e esse enclausuramento em muito contribuiu para as dificuldades enfrentadas pelos estudiosos, em particular de contextos periféricos como na América do Sul, mas não só aí. A Arqueologia Bíblica, por exemplo, um projeto tão claramente ideológico, tão comprometido com o ideário conservador religioso, manteve-se como um campo científico, em grande parte, devido a seu isolamento do restante da Arqueologia. Nos últimos anos, contudo, os contatos entre os estudiosos de diferentes países e horizontes culturais mostraram a importância do diálogo com a ciência mundial, com outros pontos de vista, com a diversidade. Uma Arqueologia mundial significa uma variedade de interesses e sujeitos em confronto, com a introdução de agentes sociais, como as mulheres e os grupos étnicos e sociais, de diferentes ideologias, de uma heterogeneidade que está no presente e leva à busca dessa mesma diversidade no passado. Em última instância, essa, talvez, a maior mensagem das pesquisas, em termos mundiais, na Arqueologia Histórica, pois a pluralidade e a conseqüente convivência da variedade passou a constituir aspecto central da disciplina, em um mundo também ele caracterizado pelas diferenças.

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes colegas: David Austin, Martin Hall, Matthew Johnson, Siân Jones, Mark P. Leone, Kent Lightfoot, Michel Löwy, Randall McGuire, Charles E. Orser, Jr., Michael Rowlands, Dean J. Saitta, Michael Shanks, David Small, Peter Ucko. A responsabilidade, contudo, restringe-se ao autor. Agradeço, ainda, o apoio institucional da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e ao CNPq, por concessão de bolsa pesquisa.

Referências

- Andah, B.W. 1995. Studying African Societies in Cultural Context. In Making Alternative Histories: the practice of archaeology, P.R. Schmidt and T.C. Patterson (eds), 140-81. Danta Fe: School of American Research Press.
- Anderson, P. 1990. A culture in counterflow. New Left Review 180, 41-78.
- Austin, D. 1990. The 'proper study' of medireview archaeology. In From the Baltic to the Black Sea. Studies in Medireview archaeology, D. Austin and L. Alcock (eds), 9-42. London: Unwin Hyman
- Asad, T. 1987. Are there histories of peoples without Europe? A review article. Comparative Studies in Society and History 29, 594-607.
- Bond, G.C. and A. Gilliam (eds) 1994. Social Construction of the Past: representation as power. London: Routledge
- Bourdieu, P. 1977. Outline of a Theory of Practice. Cambridge: Cambridge University Press.
- Burke, P. 1995. The invention of leisure in early modern Europe. Past and Present 146: 136-150.
- Certeau, M. de. 1988. The Writing of History. (tr. and introd. Tom Conley). New York and Oxford: University of Columbia Press.
- Chapman, M., M. McDonald and E. Tonkin 1989. Introduction. In History and Ethnicity, E. Tonkin, M. McDonald and M. Chapman (eds), 1-21. London: Routledge.
- Chase, A.F. and Chase, D.Z. 1996. More than kin and king. Current Anthropology 37: 803-810.
- Colley, S. and A. Bickford 1996. 'Real' Aborigines and 'real' archaeology: Aboriginal places and Australian historical archaeology. World Archaeological Bulletin 7, 5-21.
- Couse, G.S. 1990. Collinwood's detective image of the historian and the study of Hadrian's Wall. History and Theory 29: 57-77.
- Cunha, M.C. 1996. Da Guerra das Relíquias ao Quinto Império, importação e exportação da História no Brasil. Novos Estudos Cebrap 44: 73-87.
- Davies, N.Z. 1988. History's two bodies. American Historical Review 93: 1-30.
- DeCorse, C. R. 1996. Historical archaeology. African Archaeological Review 13: 18-21.
- Deagan, K. 1996. Aventure of inquiry in historical archaeology. In Images of the Recent Past, C.E. Orser (ed.), 16-41. London: Altamira.
- Deetz, J. 1977. In Small Things Forgotten. The archaeology of early american life. New York: Achor Press/Doubleday.
- Dyson, S.L. 1995. Is there a text in site? In Historical and Archaeological Views on Texts and Archaeology, D. Small (ed.), 25-44. Leidon: E.J. Brill.
- Fontes, L.F.O. 1995. A Igreja sueva de Dume (Braga). Quarta Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica : 415-427.
- Funari, P.P.A. 1993. Graphic caricature and the ethos of ordinary people at Pompeii. Journal of European Archaeology 2: 133-150.
- Funari, P.P.A. 1996. Dressel 20 Inscriptions from Britain and the Consumption of Spanish Olive Oil, With a catalogue of stamps. Oxford, Tempus Reparatum, BAR British Series 250.

- Goody, J. 1977. The Domestication of the Savage Mind. Cambridge: Cambridge University Press.
- Graves-Brown, P., S. Jones and C. Gamble (eds) 1996. Cultural Identity and Archaeology: the construction of European communities. London: Routledge.
- Hawkes, C. 1951. British prehistory half-way through the century. Proceedings of the Prehistoric Society 17, 1-9.
- Iggers, G.G. 1984. New Directions in European Historiography. Revised edition. Middleton, Wesleyan University Press.
- Johnson, M.H. 1992. Meaning of polite architecture in 16th century England. Historical Archaeology 26: 45-56.
- Johnson, M.H. 1996. An Archaeology of Capitalism. London, Blackwell.
- Johnson, M.H. 1997. Towards a world historical archaeology. Antiquity 71: 220-222.
- Jones, S. 1997. The Archaeology of Ethnicity: constructing identities in the past and present. London: Routledge.
- Kepacs, S. 1997. Introduction to new approaches to combining the archaeological and historical records. Journal of Archaeological Method and Theory 4(3/4), 193-8.
- Laurence, R. 1995. Review. Journal of Roman Studies 85: 310-313.
- Leone, M. and P. Potter, Jr. 1988. Introduction: issues in historical archaeology. In The Recovery of Meaning, M. Leone and P. Potter, Jr. (eds), 1-22. Washington: Smithsonian Institution Press.
- Lightfoot, K.G. 1995. Culture contact studies: redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology. American Antiquity 60, 199-217.
- Little, B.J. 1996. People with history: an update on historical archaeology in the United States. In Images of the Recent Past, C.E. Orser (ed.), 42-78. London: Altamira.
- Löwy, M. 1992. A escola de Frankfurt e a modernidade, Benjamin e Habermas. Novos Estudos Cebrap 32, 119-127.
- McGuire, R. 1996. Why complexity is too simple. In, P.C. Dawson and D.T.Hanna (eds) Debating Complexity. Calgary, University Press, 1-7.
- McGuire, R.H. and R. Paynter 1991. The Archaeology of Inequality. Oxford: Blackwell.
- Meskell, L. 1998 (ed.) Archaeology under fire. Nationalism, politics and heritage in the Eastern Mediterranean and Middle East. London and New York, Routledge.
- Miller, D., M. Rowlands and C. Tilley (eds) 1989. Domination and Resistance. London: Unwin Hyman.
- Ober, J. 1995. Greek Horoi: artefactual texts and the contingency of meaning. In Historical and Archaeological Views on Texts and Archaeology, D. Small (ed.), 91-123. Leiden: E.J. Brill.
- Orser, C.E. 1996a. A Historical Archaeology of the Modern World. New York, Plenum.
- Orser, C.E. 1996b. Introduction. In Images of the Recent Past, C.E. Orser (ed.), 9-13. London: Altamira
- Orser, C.E. 1996c. Historical archaeology for the world. World Archaeological Bulletin 7, 2-4.
- Orser, C.E. and B.M. Fagen 1995. Historical Archaeology. New York: HarperCollins.
- Patterson, T. 1997 Inventing Western Civilization. New York, Monthly Review Press.
- Rowlands, M. 1989. A question of complexity. In D. Miller, M. Rowlands and C. Tilley (eds) Domination and Resistance. London, Unwin Hyman, 29-40.
- Rowlands, M. 1994. The Politics of Identity in Archaeology. London, UCL, unpublished typescript.
- Saitta, D.J. 1992. Radical archaeology and middle-range methodology. Antiquity 66: 886-897.

- Saitta, D.J. 1994. Agency, class, and archaeological interpretation. Journal of Anthropological Archaeology 13: 201-227.
- Schmidt, P.R. and T.C. Patterson 1995. Introduction: from constructing to making alternative histories. In Making Alternative Histories: the practice of archaeology, P.R. Schmidt and T.C. Patterson (eds), 1-24. Danta Fe: School of American Research Press.
- Shanks, M. and C. Tilley 1992 Re-constructing Archaeology: theory and practice. London, Routledge.
- Small, D. 1995. Introduction. In Historical and Archaeological Views on Texts and Archaeology, D. Small (ed.), 1-14. Leiden: E.J. Brill
- Ucko, P.J. (1994) Museums and sites: cultures of the past within education - Zimbabwe some ten years on. In The Presented Past: heritage, museums, education, P.G. Stone and B.L. Molyneux (eds.), 237-82. London: Routledge.
- Webster, J. 1997. Necessary Comparisons: a post-colonial approach to religious syncretism in the Roman Provinces. World Archaeology 28 (3), 324-338.
- Webster, J. and N.J. Cooper (eds) 1996. Roman Imperialism: post-colonial perspectives. Leicester: School of Archaeological Studies, University of Leicester.
- Wolf, E. 1982. Europe and the People without History. Berkeley: University of California Press.
- Woodman, P. 1995. Who possesses Tara? Politics in archaeology in Ireland. In Theory in Archaeology: a world perspective, P.J. Ucko (ed.), 278-97. London: Routledge.

¹ Departamento de História, IFCH-UNICAMP, C.Postal 6110, Campinas, 13081-970, SP, Brasil, pedrofunari@sti.com.br.